

O negro na História: história, resistência e luta na perspectiva do filme Ganga Zumba

Marcelo da Silva Murilo¹

Apresentando o Filme

*Ganga Zumba*², drama brasileiro dirigido por Carlos Diegues, foi produzido em 1963 e lançado em 1964. Conta a história de um grupo de negros escravizados que trama sua fuga de uma fazenda produtora de cana de açúcar, rumo ao Quilombo de Palmares, e traz no elenco algumas personalidades do campo da arte de representar, tais como Antônio Pitanga, Eliezer Gomes e Tereza Rachel.

A Cena de Abertura

O filme tem início com a exibição de imagens, pinturas que abordam a vida dos negros no Brasil escravocrata e colonial da cana de açúcar. Também são exibidas imagens do litoral brasileiro e outras que mostram os negros trabalhando. Em geral, são imagens fortes que simbolizam a exploração, mostrando os negros ora em situações que exigem grande esforço físico, resistência e força, ora em situação de flagelo, quando torturados pelas mãos do feitor que, com imponência e determinação, castiga com violência os negros escravos. O ritmo das imagens é surpreendido por uma narração em *off*.

¹ Graduado em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre. Doutorando em História Social pela USP.

² É preciso esclarecer que esta apresentação do filme foi elaborada a partir da consulta ao acervo da Cinemateca Nacional. Consultei os registros da cinemateca para obter algumas informações, tais como: data de produção, data e local de lançamento do filme, sinopse, direção, elenco, produção, classificação quanto ao gênero, etc. Portanto trata-se de um filme produzido a partir de 1963, em São Paulo e lançado em 1964, na cidade do Rio de Janeiro.

A Vida no Cativo

É noite na fazenda. Uma mulher negra está amarrada em um tronco. Seu corpo sangra e exibe sinais de violência. Um grupo de negros aproxima-se e dança ao redor da mulher. O som dos atabaques invade a cena. Os negros cantam e dançam. O feitor da fazenda observa tudo atentamente. Os negros põem fim ao ato, desfazem a roda e dispersam-se. O feitor segue para a casa-grande. A mulher permanece amarrada ao tronco.

É dia no engenho. Rosa (personagem vivida pela atriz Tereza Raquel) surge repentinamente. Ela caminha cantarolando uma canção. As passadas, firmes e alegres, cortam o canavial em direção ao regato. Ganga Zumba (personagem de Antônio Pitanga) aparece. Outros negros também trabalham no corte da cana. Enquanto trabalham, são observados pelo olhar atento do feitor, que caminha de um lado para o outro exibindo uma arma nas mãos. No grupo está Aroroba (personagem vivido pelo ator Eliezer Gomes), Terêncio e mais alguns outros negros; eles conversam enquanto fazem o corte da cana. Aroroba exibe uma pulseira que diz ser de Oxumaré, protetora de Palmares. Ganga Zumba surge. Junta-se ao grupo. Aroroba interpela-o, questionando se ele é de fato Ganga Zumba, neto de Zumbi, príncipe de Palmares. Todos são surpreendidos com os gritos que vem do outro lado da plantação. Um negro corre cambaleante. É arremessado ao chão pelo impacto das chicotadas certas do feitor que, ainda não satisfeito, põe-se a chamá-lo de “peste”.

Aroroba, Ganga Zumba e seu grupo compartilham do mesmo sentimento de indignação e revolta diante da condição dos negros daquele lugar. Insistem em uma trama que, segundo eles, irá por fim àquela situação de sofrimento: a fuga em direção a Palmares (a decisão do grupo é motivada pela crença na existência do quilombo dos Palmares, supostamente um lugar onde os negros viveriam em liberdade, protegidos dos maus-tratos e das humilhações da vida no cativo). Eles decidem aventurar-se na fuga, em busca do caminho que irá levá-los até Palmares. Montam a seguinte estratégia: um aventura-se na mata, localiza Palmares e, se tudo der certo, vem resgatar o restante com a ajuda dos guerreiros de Zumbi. Ganga Zumba se oferece para a missão, mas Aroroba (colocando-se como líder do grupo) decide que Terêncio é a melhor opção, em função de sua experiência na mata. Terêncio (quase vacilante) resolve que irá. Aroroba afirma

que é preciso que a partida seja imediata. Combinam que o retorno de Terêncio será marcado por um sinal. Ao ouvir o sinal, encontrar-se-ão no abrigo da “velha do mato” (senhorinha de longa idade que mora num abrigo improvisado no meio da mata, na direção do regato). Terêncio pede que Olorun o proteja e põe-se a preparar a partida. Os negros põem-se a espreitar, com o olhar atendo, o feitor. Esperam uma oportunidade para improvisarem a situação que favorecerá a fuga de Terêncio. O feitor ordena que Ganga Zumba busque água, lá no regato. Aproveitando-se então de uma distração do feitor, Terêncio foge em direção à mata. O feitor continua a intimidar os negros, advertindo-os para que trabalhem mais e para que não parem de trabalhar.

No regato, Rosa está a lavar roupas e a cantarolar, quando Ganga Zumba surpreende-a com a sua presença. Ambos ficam felizes, trocam beijos e carícias descontraidamente na areia do regato.

A Fuga

O feitor corre em direção à casa-grande, chamando pelo fazendeiro. Ao encontrá-lo avisa que, na hora da contagem, descobrira que sumiram dois negros. O fazendeiro fica indignado. Tolentino da Rosa, o capitão-do-mato, chega trazendo um negro amarrado por uma corda ao cavalo. Ao ser informado da fuga de outros dois escravos, Tolentino sai à caça dos negros fujões.

É noite na senzala. Aroroba invoca Oxumaré, pede que ela proteja Palmares e que não o deixe cair pois, para ele, o quilombo de Palmares é terra de sangue negro. O feitor pede que todos durmam, porque é preciso que todos estejam bem dispostos no dia seguinte.

É dia no engenho. Os negros estão a trabalhar no canavial. Ganga Zumba caminha, carregando em um dos ombros um feixe de lenha preso a uma das mãos, quando avista a chegada de um grupo de visitantes. O senhor e a senhora de Piancó chegam à fazenda e estão acompanhados por alguns escravos, dentre eles a mucama Dandara.

O fazendeiro reúne os negros em frente à casa-grande. Tolentino da Rosa exhibe a orelha cortada de um dos escravos e dá notícias da morte dos dois negros fujões. O fazendeiro enfatiza que as tentativas de fuga serão punidas com a morte e anuncia que trouxera duas escravas negras da fazenda de Piancó, para cruzar com os negros de sua fazenda. Também diz que é dia de festa na fazenda e pede que os negros festejem.

No abrigo das mulheres negras, a escrava Rosa ensaia uma dança suave e sensual, embalada ao ritmo dos atabaques. Lá fora, Aroroba, Ganga Zumba e outros negros discutem a possibilidade de Terêncio ter encontrado Palmares; enquanto isso, outros escravos entregam-se às danças e aos ritmos dos atabaques. Dançam a dança dos orixás e uma negra incorpora um orixá. Aroroba ouve o grito de Oxumaré e interpreta-o como um aviso de bom presságio, entendendo que é a resposta dele, anunciando boas novas. Aroroba e seu grupo saem em direção à mata.

Ganga Zumba encontra-se com Rosa, mas ela não está sozinha. Ela está em companhia de Dandara, a mucama trazida de Piancó para cruzar com os negros da fazenda. Ganga Zumba e Rosa vão tramar a morte do feitor.

Aroroba e seu grupo encontram Terêncio na mata e ele não está sozinho. Está acompanhado por outro negro, guia mateiro e guerreiro, enviado de Palmares para ajudá-los na fuga. Fazem uma reunião para tratar da fuga, a qual é feita no abrigo da velha senhora escrava que vive isolada na mata.

No regato, Rosa e Ganga Zumba matam o feitor. Na mata, Aroroba é advertido de que a velha do mato houvera avisado da fuga ao dono da fazenda. O grupo decide pela partida imediata, aguardando somente a chegada de Ganga Zumba. Este segue ao encontro de Aroroba, chega acompanhado por Rosa e traz o coração do feitor em uma das mãos. O guia avisa que está ficando tarde. O abrigo da velha escrava é queimado e o grupo parte. Na fazenda, o capitão-do-mato reúne um grupo de homens para uma expedição de caça aos escravos fugitivos.

É noite na mata. Aroroba toca uma flauta improvisada, enquanto Ganga Zumba conversa com Rosa e Terêncio joga capoeira ao som da canção entoada por Aroroba.

Escuta-se o som dos atabaques. O guia mateiro e guerreiro fala sobre Palmares, sua luta e resistência. Fala sobre o rei de Palmares e destaca sua persistência e fé na vitória.

É dia na mata. Ganga Zumba e seu grupo seguem, encontram um velho escravo que, por ser portador de uma doença contagiosa, fora abandonado e, por isso, vive sozinho no meio do mato. O guia informa-se do trajeto com o velho. Conclui que só existem dois caminhos possíveis para se chegar até a margem do rio: um é a serra e o outro é a estrada de Piancó. O guia sugere o caminho da serra como o mais seguro. Ganga Zumba discorda e impõe o caminho da estrada de Piancó, pois ele quer ir pelo trajeto mais perigoso para mostrar sua valentia. Ganga Zumba e seu grupo seguem a viagem pela estrada de Piancó.

Já na estrada, deparam-se com a comitiva do senhor e da senhora de Piancó; com o mesmo grupo que estivera na fazenda, incluindo-se a mulher branca, os escravos carregadores e a mucama Dandara. Rosa é avistada e um dos homens atira nela. Ocorre um confronto e Ganga Zumba, junto a seu grupo, vence. Dandara sobrevive e é levada com o grupo que busca o quilombo de Palmares. Chegam à margem do rio, mas o barco que o guia havia deixado escondido, quando de sua vinda, já não estava mais lá. O guia informa que Tibaúba e seus guerreiros aguardam do outro lado da margem do rio e que a travessia só será possível de barco ou canoa. O grupo pernoita ali mesmo, às margens do rio, e apressam-se na construção das canoas, para que houvesse tempo hábil de pô-las na água antes que fossem alcançados pela expedição do capitão-do-mato.

Amanhece o dia na beira do rio. O grupo conclui a construção das canoas e inicia a travessia do rio. Aroroba continua a pensar em Palmares como uma terra de muito ouro, muita música, muita dança e muito mais. De repente, Aroroba é atingido por um disparo de arma de fogo. É o capitão-do-mato e seu bando que chega no encalço do grupo. Os negros desembarcam do outro lado, na outra margem, do rio. Aroroba caminha com dificuldade, mas o grupo segue, mesmo assim, ao encontro de Tibaúba e seus guerreiros. O guia pede que se apressem, pois Tibaúba e seus guerreiros estão a esperá-los. O grupo chega ao local combinado, porém Tibaúba não é avistado no local esperado. O guia insiste que é preciso ir ao encontro dele. Então, o grupo segue pela serra, novamente procurando ir ao encontro de Tibaúba. Aroroba canta. Ganga Zumba demonstra revolta e fala da necessidade de lutar, de fazerem alguma coisa. Aroroba,

neste momento, se oferece para ficar e atrasar o capitão-do-mato. No entanto, Ganga Zumba decide que ele continua com o grupo, que segue adiante. Porém, com Aroroba ferido, são rapidamente alcançados por Tolentino e seu bando.

O Confronto Final

Ganga Zumba e seu grupo chegam a serra, a qual é uma enorme pedreira, que o grupo tem de trilhar. Eles seguem, serra acima. Apesar de Rosa também estar ferida, a situação de Aroroba é mais grave. Ele insiste para que grupo prossiga, deixando-o para trás, pois sua presença está atrasando-os. Ganga Zumba insiste para que Aroroba continue junto ao grupo e ele segue ainda um pouco, até que não aguenta mais o percurso e para, não encontrando mais forças para prosseguir. Neste ínterim, o capitão-do-mato e seu bando alcançam o grupo. Ganga Zumba e os outros se dispersam em meio à vegetação. Resolvem lutar: ficam à espreita do capitão-do-mato e seu bando, para surpreendê-los. Ocorre o confronto, com luta feroz. Quase todos do grupo de Aroroba são mortos pois não resistem às armas de fogo. Ganga Zumba, o guia de Palmares e Dandara sobrevivem e são capturados. Inesperadamente, o capitão-do-mato e seu bando são surpreendidos por lanças que atravessam seus corpos. É Tibaúba com os seus guerreiros. O capitão-do-mato e seu bando são mortos. Após a batalha, Tibaúba pede que recolham o corpo de Aroroba. Em seguida partem em direção a Palmares, carregando o corpo de Aroroba com eles.

Um Filme, Um Tema

No filme de Cacá Diegues, a cena de abertura funciona como uma introdução ao tema. Dessa maneira, o público não tem que adivinhar acerca de que o filme trata ou o assunto que ele aborda. Assim, poderíamos dizer que a cena de abertura funciona como uma espécie de epígrafe, através da qual o diretor situa o público sobre o tema a ser abordado pelo filme.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o filme relata aquilo que poderia ter sido um dos episódios da trajetória de vida de Ganga Zumba. O episódio narrado no filme tem

um caráter ficcional, isto é, foi uma construção do diretor, a partir de um olhar seu, para aquilo que poderia, ou não, ter sido um fragmento da trajetória de vida de nosso herói; é por isso que, no filme, Ganga Zumba leva vida de escravo na fazenda. Nessa história, Ganga Zumba associa-se a alguns outros negros, também indignados com sua condição de escravos, e, sob a liderança de Aroroba, fogem da fazenda onde viviam confinados. O grupo segue pela serra em direção ao quilombo de Palmares, onde esperam levar uma vida melhor.

O filme fala da escravidão de negros ocorrida no Brasil, aborda sua condição de vida nos engenhos de cana de açúcar, o desejo por liberdade, as fugas e lutas travadas na busca desse ideal, para o qual Palmares, e a figura de Zumbi, eram símbolos máximos de representação.

A Dramaturgia

Logo depois desta cena de abertura temos o desenrolar de toda a dramaturgia. Identifica-se que a dramaturgia do filme é dividida em três atos. No primeiro ato tem-se “a vida no cativeiro”, o que corresponde ao início do filme. Trata-se, então, de uma parte inicial, em que o diretor apresenta a situação problema. O segundo ato envolve todas as sequências de cenas que giram em torno da “fuga”, isto é, refere-se ao desenvolvimento da situação. O terceiro ato é o momento de desfecho da história. É marcado pelo “confronto final” entre o grupo de Aroroba (do qual Ganga Zumba faz parte, lembremos) e o grupo do capitão-do-mato. Assim, o terceiro ato constitui a parte final do filme.

As circunstâncias dramáticas estabelecidas nos impõem os seguintes questionamentos: será que a fuga terá êxito? Será que os negros liderados por Aroroba irão conseguir chegar a Palmares?

Algumas Verdades Prévias

A cena de abertura do filme, que constitui parte integrante do roteiro de diálogo, já nos apresenta algumas verdades que integram o ponto de vista do diretor em relação à trajetória dos negros no Brasil, à época da escravidão.

Primeira: comunga da crença de que existiu escravidão de negros no Brasil.

Segunda: os negros eram trazidos da África para trabalharem como escravos, inicialmente nas lavouras de plantio, cultivo e beneficiamento da cana de açúcar.

Terceira: os negros escravizados viviam em cativeiro.

Quarta: uma das formas de resistência (ao cativeiro) eram as fugas de escravos; o escravo fugia do cativeiro na tentativa de experimentar, mesmo que brevemente, um momento de liberdade.

Quinta: a existência de quilombos como comunidade de negros.

Sexta: muitos negros fujões procuravam os quilombos.

Sétima: a crença em Palmares como um símbolo de liberdade.

Ganga Zumba e Aroroba

Nessa história, da forma como foi contada por Cacá Diegues, as personagens são personalidades representativas da luta dos negros, a exemplo de Ganga Zumba e dos outros que incorporaram (nas ações, situações e diálogos) os discursos de liberdade em nome de toda uma massa de subjugados (situação que se aplica às personagens Aroroba, Rosa e Terêncio).

Nosso personagem em questão é Ganga Zumba, o mesmo que dá nome ao filme. O fato de que o nome do filme seja o nome de um personagem já nos antecipa em torno de quem toda a trama irá se desenrolar. É ele quem será o “mocinho” e também o herói. No filme, o jovem Ganga Zumba está entre os negros (escravizados) que tramam e fogem do engenho de cana de açúcar e percorrem a Serra da Barriga em direção ao Quilombo dos Palmares. Existem casos de obras cinematográficas em que a direção opta por trabalhar com dois personagens, que se revezam no papel de protagonistas da história; menciona-se isto porque, em alguns momentos, o filme denuncia a relevância de Aroroba (como segundo protagonista) no fortalecimento da ação dramática. Aroroba é aquele que acredita num futuro melhor, que acredita na existência de Palmares e que confia na força dos orixás e na liderança de Zumbi. Isso faz dele peça fundamental na ação de ruptura que a fuga (por ele tramada juntamente com outros negros) simbolicamente representa. Ambos são escravos e querem sair dessa condição.

De fato, a escravidão de negros perdurou no Brasil desde a primeira metade do século XVI até o final da segunda metade do século XIX. O início da ocupação do solo brasileiro foi marcado pela captura de índios para uso como mão-de-obra, mas depois, com a opção pelo estabelecimento de um sistema agro-exportador, marcado pela intensificação da produção de cana-de-açúcar, combinou-se a este o uso intensivo e sistemático da mão-de-obra africana (FURTADO, 1989). Contrariando os movimentos de resistência e luta, a exemplo das fugas de negros, da criação dos quilombos, dos suicídios e do movimento abolicionista, o trabalho escravo só teria fim no Brasil ao aproximar-se o término da segunda metade do século XIX.

O Poder, O Cativo, A Resistência

As questões do poder se materializam em várias ações e situações apresentadas pelas personagens.

Ao longo do primeiro ato, encontramos algumas referências que denunciam o tipo e o lugar do poder na sociedade do período que o filme retrata. Dentre estas referências podemos mencionar: a cena da escrava amarrada ao pelourinho e a cena no canavial, na qual o negro é castigado por meio de chibatadas desferidas pelo feitor.

Os maus-tratos, as punições que quase sempre envolviam coerção física, os castigos, tudo isso representava o poder dos senhores sobre os escravos.

Para dar sustentação a esse sistema de subjugação e subserviência, os senhores de escravos criaram a figura do feitor. No filme, o feitor é o responsável pelo cumprimento das ordens do senhor da fazenda. É ele quem trata com os negros e, sobretudo, quem aplica os castigos físicos, pois é ele quem administra o tempo de trabalho e de repouso na fazenda.

Viver cativo é viver recluso. Se o negro foi arrancado do lugar onde vivia, e veio ao nosso país não por força do exercício de sua vontade, mas pela ambição de outrem, então podemos dizer que a vida que o negro escravizado levava, no Brasil dessa época, era uma vida de cativo. O cativo é então o lugar onde o negro vivia e trabalhava, na

condição de ser humano escravizado; esse lugar era a própria fazenda, ou melhor, o engenho, em toda a sua dimensão (lavoura, senzala, etc.). Outro elemento que reforça a ideia do cativo é o fato de que o negro foi trazido para exercer o trabalho forçado (PINSKY, 2009: 23), principalmente nas grandes lavouras de produção de cana-de-açúcar, que em função de seu caráter agro-exportador exigiam o emprego de mão-de-obra em grande escala.

Tudo indica que o cativo era semelhante a uma prisão. O negro vivia como um prisioneiro no espaço do engenho. Um espaço onde a tortura, a dor e os maus-tratos faziam parte da rotina diária. As formas de coerção física funcionavam como estratégia de subjugação do negro de pele preta. No engenho, a única forma de resistência que sobrevivia era a dimensão da cultura, que impregnava os corpos e a expressividade de negros e negras. A exemplo das cenas no filme que reafirmam a resistência negra por meio de sua cultura: o som dos atabaques, os cânticos de evocação e homenagem aos orixás, para quem os escravos pediam proteção e força. O diretor acredita que a religiosidade, sobretudo as de matrizes africanas, a exemplo do candomblé, foi elemento de resistência negra. É por isso que, ao longo do filme, ele faz referência constante às rodas de santo, aos cantos em homenagem aos orixás, à invocação de Olorun e Oxumaré.

A invocação que Aroroba faz a Oxumaré, os cantos aos orixás, são apresentados como exemplo de práticas culturais que se mantiveram vivas, mesmo no interior de estruturas e aparelhos tão repressivos como os engenhos.

É o dono das terras quem manda. É ele quem detém o poder, pois possui terras e escravos. “O escravo era, freqüentemente, o que de mais valioso o senhor possuía.” (PINSKY, 2009: 50). O exercício do poder econômico relacionava-se, de forma direta, com o exercício do poder político. Nesse tipo de sociedade, instituída no Brasil à época da escravidão, o escravo não era tido como sendo possuidor nem de vontade, nem de direitos. Eles não tinham direito à vida e nem à liberdade. Mesmo constituindo o maior contingente de mão-de-obra da época, responsável direto por toda a produção da colônia, eram subjugados e viviam na miséria material e moral. Anula-se o poder de decisão, o escravo pode desejar realizar algo, mas não pode realizar aquilo que deseja (PINSKY: 2009).

A Senzala, a Fazenda, A Mata e a Serra

No filme, a senzala, a fazenda e a serra são os lugares onde a situação dramática se desenvolve. Cada um desses espaços apresenta uma relação direta com cada um dos momentos da história contada pelo filme.

A senzala é o espaço frequentado exclusivamente por negros; é o lugar onde os escravos ficam. no intervalo de tempo entre o cair da noite e o início do dia. Quando os negros não estão no trabalho forçado na lavoura, é lá, na senzala, que permanecem reclusos, amontoados, sem qualquer privacidade e sem nenhuma infra-estrutura sanitária.

A fazenda é o próprio cativeiro, pois lá é o lugar onde os negros vivem escravizados sob a autoridade de um senhor, subjugados pelo chicote do feitor. A fazenda é mostrada como importante núcleo, no contexto de época à qual o filme faz referência, pois é lá que estão: a lavoura, os escravos e o senhor de engenho; é lá onde quase tudo ocorre.

A mata é mostrada como o lugar que os negros buscam, ao aventurar-se na fuga. Fala-se em “aventurar-se” porque o filme defende a ideia de que, na maioria das vezes, a fuga não era bem sucedida. Era um caso de sorte, obra do acaso, o negro conseguir êxito em sua empreitada, até porque muitos, ao fugirem, não sabiam para onde ir. Para onde ir? Quem não encontrasse quilombo correria o risco de viver vagando, faminto e desesperado, pela mata; correndo o risco de virar comida de feras, sendo caçado como um animal pelo capitão-do-mato, além da quase certeza em morrer de fome por não ter de onde retirar o alimento. Mas é na mata que o negro busca refúgio. Ele ignora todos os perigos que ela representa, pois o negro prefere os perigos da mata à vida no cativeiro. Prefere aventurar-se à certeza de sofrimento. A mata é o refúgio de passagem para um mundo melhor.

A serra é símbolo de liberdade. Muitos negros imaginam que, chegando na serra, chegarão a Palmares; que, chegando na serra, encontrarão a liberdade. Mas chegar na serra não é fácil. Muitos caem pelo caminho. Mas os poucos que chegam, conquistam na chegada a esperança. Eles não sabem o que virá dali para frente, mas sabem que o

que virá é algo que não é aquilo que passou. A serra é a esperança. Ir para a serra significa, simbolicamente, o retorno à África, à sua africanidade: seu gestual, sua religiosidade, sua expressividade, sua poesia, sua musicalidade, sua sexualidade.

A Fuga, O Sonho de Liberdade, O Confronto

O fazendeiro é o dono das terras e dos escravos da fazenda. A terra aparece configurada como fonte de poder e o negro aparece como mercadoria. Nesse período o poder do senhor de engenho é determinado pela extensão de sua propriedade e pelo número de escravos que possui.

No filme, dois negros fugiram. A fuga de negros aparece, no Brasil escravocrata, como uma forma de resistência à escravidão, aos maus tratos, aos castigos e à submissão imposta pelos donos do poder. Emília Viotti da Costa (2008: 112) nos relata que “desde os primórdios da escravidão, a fuga fora uma forma de protesto do escravo. Durante todo o período colonial, as autoridades viram-se às voltas com escravos fugidos. Para persegui-los, foi criado o cargo de capitão-do-mato”. Como podemos observar, fugir era um ato de resistência, a esperança de encontrar a liberdade longe das senzalas, do pelourinho e do trabalho forçado nas lavouras de cana de açúcar.

A fuga dos escravos fazia com que os senhores sentissem no bolso a reação dos negros, uma estratégia até certo ponto eficiente, a de fragilizar economicamente o senhorio e assim abalar, mesmo que simbolicamente, a estrutura de poder vigente. Perder um escravo significava prejuízo econômico nos negócios. Se o escravo fosse saudável e em idade de plena produtividade física, o prejuízo poderia ser ainda maior. Por essa razão, nenhum proprietário olhava com bons olhos a perda de um escravo. Numa reação direta a este tipo de resistência, muitos proprietários passaram a investir na organização de expedições de caça e aprisionamento de negros fujões. É nesse contexto que aparece, como já mencionado anteriormente (COSTA, 2008: 112), a figura emblemática do capitão-do-mato: aquele que caçava, prendia e mutilava os negros fujões. Os negros eram tratados como peças, como coisas ou mercadoria. Eram caçados feito animais e muitas vezes agonizavam nas mãos do capitão-do-mato.

O quilombo de Palmares é citado em muitas falas de Aroroba e Ganga Zumba. Sempre que eles se referem a Palmares falam da serra. A “*guerra na serra*”, mencionada várias vezes nas falas das personagens, aparece como uma referência aos constantes confrontos entre os guerreiros de Palmares e as tropas do governo. A história de luta de Palmares tornou-se um dos símbolos da resistência negra. Na trama, o quilombo de Palmares é apontado como sendo terra de sangue negro, que se constituiu a partir da aglutinação de escravos fugitivos das fazendas e que para lá iam à procura de vida melhor.

O filme homenageia a cultura brasileira de matriz africana por meio das danças, do toque do atabaque, da capoeira, do canto aos orixás, do candomblé. O negro capturado na África e trazido nos porões dos navios negreiros trouxe não somente seu corpo, que serviria como mão-de-obra nas lavouras da cana, nas minas de ouro ou nas plantações de café, mas também trouxe seu gestual, sua expressividade, sua sexualidade, sua musicalidade e sua religiosidade, frutos de uma relação direta com a natureza.

Quando capturado, o negro fujão era tratado com extremo desprezo e crueldade. O castigo físico a que era submetido todo fugitivo recapturado tinha de ser na proporção da intensidade da cólera e do prejuízo do senhorio; alguns eram mutilados ou até mesmo sacrificados, para que a pena servisse como exemplo para os demais. “Correntes, gargalheira, tronco, algemas, peia, máscara, anjinho, bacalhau, palmatória, golilha, ferro para marcar...” (PINSKY, 2009: 72) faziam parte do instrumental utilizado nos castigos e torturas. Estas ações cruéis e desumanas revelam a perversidade de um sistema representado pelos senhorios, que não hesitavam em servirem-se das disposições sádicas dos feitores, para colocarem em execução seus planos de maldades.

Mesmo assim a história de fugas foi sendo construída ao longo de todo o período da escravidão. Fugir da fazenda representava afrontar todo um sistema de privilégios. Cacá Diegues mostra um negro combativo, que não reclama, nem chora rogando por piedade, mas que constrói sua trajetória de luta. A rebeldia de Ganga Zumba tem como contraponto a melancolia e o romantismo de Aroroba, que acredita que em Palmares tudo é diferente. Acredita que lá os negros vivem felizes e em liberdade. Aroroba representa o reencontro do negro com seu passado, sua africanidade.

O filme também faz referência ao banzo e às práticas de suicídio que vitimavam a população de escravos. Aroroba relata que o banzo era uma doença de preto. Ela deixava o negro triste e com vontade de morrer. Sem dúvida, as doenças, somadas à depressão e outros fatores determinantes, também vitimavam muitos escravos.

O realismo de Rosa aparece em oposição ao romantismo de Aroroba. Rosa discute a ideia de liberdade e coloca em cheque o modelo de sociedade em curso em Palmares. Rosa invoca uma condição de liberdade que talvez não existisse na sociedade escravocrata, mas que é um conceito muito presente na sociedade moderna: o dos direitos individuais. Quando ela diz para Aroroba “*a gente tem que ser dono da gente mesmo*” ela pode estar também dizendo que devemos viver num regime que não abra espaço para submissão nem subserviência, onde tenhamos livre-arbítrio, tomemos nossas decisões e tenhamos direito de ir-e-vir e que não sejamos tratados como posse um dos outros. Cacá Diegues contrapõe ao romantismo exacerbado de Aroroba o discurso de Rosa. De qualquer modo, ainda podemos questionar: por que será que Rosa, que não acredita na democracia palmarina, ainda insiste em acompanhar o grupo na fuga? Talvez pelo fato de que, para o negro escravo, qualquer outra coisa que não o cativeiro seria sempre uma melhor opção. Muitos fugiam sabendo que a vida como fugitivo era muito difícil e o tempo de liberdade era curto, pois cedo ou tarde seriam capturados pelo capitão-do-mato e, se não encontrassem a morte pelo caminho, seriam supliciados.

Conclusão

A indignação de Ganga Zumba refle (numa referência ao tempo presente) a indignação do autor que condena a escravidão. A situação de impotência do grupo gera revolta e indignação diante de uma situação que não muda, não sai do lugar. A revolta de Ganga Zumba, ao mesmo tempo em que representa a revolta dos negros diante de sua condição e ao tratamento que recebiam dos donos e senhores de engenho, também representa a revolta e a indignação frente à lentidão em que se operaram as ações pelo fim da escravidão no Brasil, e que deixaram como herança o racismo em nossa sociedade. A revolta de Ganga Zumba é como que “um grito parado no ar”, um clamor lançado pelo diretor do filme, a partir de um olhar crítico e até certo ponto dialético em

relação a esse passado próximo de nossa História. A trajetória do grupo de negros fujões reflete, metaforicamente, a própria situação do movimento abolicionista, da trajetória institucional da luta pela liberdade.

Houve luta na serra. O confronto entre o grupo do capitão-do-mato e o grupo de Ganga Zumba e Aroroba fora inevitável. Assim foi o desfecho da história de negros. O confronto na serra: o grupo não resiste à superioridade bélica do bando do capitão-do-mato, mas o bando também não resiste ao poder e ao confronto com os guerreiros de Palmares.

O filme *Ganga Zumba* ilustra, de forma satisfatória, os episódios do que hoje considero “uma história das trajetórias de negros no Brasil”, na perspectiva do cinema brasileiro da segunda metade do século XX.

O filme nos mostra uma concepção crítica da História. Assume a existência da escravidão negra no Brasil. Assume que, no Brasil da cana de açúcar, as relações de poder eram antagônicas e que, nessa disputa, os negros escravizados levavam a pior. Mas, quem é o mais forte? O filme assume que os negros eram submetidos a situações de maus-tratos, tortura e de extrema subjugação que conformavam práticas de degradação humana. O filme mostra um Brasil onde os negros trabalhadores e escravizados foram situados na condição de extrema miséria e humilhação. Mas o filme também mostra que, em meio a tudo isso, a influência africana sobreviveu como protagonista de uma cultura brasileira. Mostra o negro como detentor de uma humanidade, alguém dotado de sentimentos, emoções e desejos. Também mostra sua capacidade de resistir, de indignar-se e de lutar. *Ganga Zumba* mostra a capacidade de sonhar das populações escravizadas. Enfim, propõe um olhar de positividade acerca da participação do negro na sociedade brasileira, nos motivando a pensar o negro como aquele que também contribuiu intensamente para a produção de nossa riqueza, tanto a riqueza material quanto a simbólica. Marca, assim, uma estética da ruptura com a visão historiográfica tradicionalmente em vigor no Brasil, presente ainda no início da segunda metade do século XX. A História que se manifesta no filme é uma História de ruptura com aquele passado próximo e com aquela História que mostrava o negro como alguém apto à escravidão, desprovido de vontades e da capacidade de resistir. Cacá Diegues, neste filme, põe em discussão os antagonismos sociais da época. Confronta a História

oficial e cronológica, fazendo impor-se o ritmo do corpo. Dialoga com o social de forma bastante intensa e engajada. É uma obra realista, de cunho naturalista e bastante contestador. Ao mesmo tempo consolida a escrita de um cinema que transita entre o político e o social, uma historiografia que problematiza seu próprio tempo a partir da problematização de um passado próximo. Confronta uma visão de história oficial, indo na contramão do poder, a partir do poder da arte que permite a criação, a criação de pontos de vista.

Referências Bibliográficas

- BERNARDET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BLOCH, Marc. Apologia da história: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAVALCANTI, Alberto. Filme e realidade. Rio de Janeiro: Artenova/EMBRAFILME, 1976.
- COSTA, Emília Viotti da. A abolição. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- FERRO, Marc. Cinema e história. São Paulo: Paz e terra, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Editora Nacional, 1989.
- GANGA ZUMBA. Brasil, 1963-1964 Direção: Carlos Diegues. Roteiro: Carlos Diegues, baseado no romance “Ganga Zumba”, de João Felício dos Santos. Direção de Fotografia: Fernando Duarte. Montagem: Ismar Pôrto. Cenografia e Figurinos: Régis Monteiro. Música (Genérico): Moacir Santos. Produção: Jarbas Barbosa, Carlos Diegues e Copacabana Filmes. Elenco: Eliezer Gomes, Luiza Maranhão, Jorge Coutinho, Antônio Luís Sampaio, Álvaro Perez, Jorge Zózimo, Rui Solberg, Zica, Cartola, Regina Monteiro, Waldir Onofre, Antônio Andrade, Carmem Lane, Rui Polanah, Procópio, Zaqueu José, Ronaldo Abreu, Pedro de Moraes. Ator(ES) Convidado(s): Tereza Raquel. Participação Especial: Léa Garcia, Grupo Folclórico Filhos de Gandhi. Branco e Preto. 120 minutos.
- GIACOMANTONIO, M. O ensino através dos audiovisuais. São Paulo: Summus/EDUSP, 1981.
- HOWARD, David; MABLEY, Edward. Teoria e prática do roteiro. São Paulo: Globo, 2002.
- MARTIN, M. A linguagem cinematográfica. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.
- MURILO, Marcelo da S. O uso do cinema e do vídeo na prática de ensino de história. In: SIMÕES, Regina Helena Silva, FRANCO, Sebastião Pimentel, SALIM, Maria Alaíde Alcântara (Org.) Ensino de História: seus sujeitos e suas práticas. Vitória: GM, 2006.
- PINSKY, Jaime. A escravidão no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

PRADO JUNIOR, Caio. Evolução política do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RODRIGUES, Chris. O cinema e sua produção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SADOUL, G. O cinema. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956.